



Vol. I nº 1 jan./jun. 2006

p. 151-154

A IMPORTÂNCIA DE UMA NOVA VISÃO SOBRE A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Simone Rodrigues¹

Orientadora: Beatriz Helena Dal Molin²

“Ensinemos nossos filhos a venerar o mundo e a consciência que o ilumina. Façamo-los perceber o caráter sagrado, mágico da vida: esse inimaginável emaranhado de todas as formas e todas as histórias possíveis que se originam infinitamente no espaço unitário da consciência. É o fim único da educação tornar a consciência humana consciente dela mesma e de sua disposição fundamental: sua expansão onidirecional, sua liberdade, seu amor por todas as formas e todos os seres”.

Pierre Lévy

Na atualidade, o mundo passa por transformações importantes, tanto em relação ao implemento de novas tecnologias quanto a modificações no modo de vida e de pensamento da sociedade. E isso, de certa forma, altera o processo de construção e propagação do conhecimento. Um desses aspectos é o da velocidade das mudanças, pois, a cada dia surgem novas descobertas científicas e tecnológicas, que tem por intuito melhorar a vida das pessoas.

Assim, acredita-se que se deve ensinar aos jovens o que é de fato o conhecimento. Explicar que ele é uma maneira de traduzir algum aspecto da realidade e, por isso, está sujeito a erros. Com isso, possibilitar que não se tenha uma mentalidade engessada, mas sim, que se deve estar aberto a compreender e perceber que não existem verdades eternas e imutáveis, e que o conhecimento está sempre caminhando, evoluindo.

Igualmente, deve-se perceber a complementaridade e o entrelaçamento entre os diversos saberes existentes, contextualizando-os. Isso é fundamental para um bom entendimento da realidade em que se vive e do lugar que se ocupa no mundo. Afinal, a contextualização é que pode levar os educandos a perceber como o todo está ligado às partes e as partes ao todo, e ter essa visão torna possível a percepção da pertinência dos conhecimentos.

Outro aspecto que, acredita-se, ainda é esquecido no ambiente educacional é o das experiências dos alunos, que são vivenciadas antes, durante e depois de sua permanência na escola. Muitas vezes, os alunos perdem a vontade de estar na instituição

escolar e o interesse pelos conteúdos, justamente, por não conseguirem relacioná-los com suas vivências passadas e presentes.

Uma possibilidade interessante para se trabalhar esses aspectos é a utilização do conceito de *aprendência*² na educação. Com a troca de experiências entre alunos e professores, o processo de ensino pode se tornar mais dinâmico e instigante para todos, pois, possibilita a percepção de que todos têm algum saber que trazem de suas bagagens de vida, e que este saber pode ser valorizado e repassado a outras pessoas.

O campo educacional não pode ficar alheio a tudo isso. Essa percepção dos acontecimentos deve chegar a escola, para que ali sejam feitas uma reflexão e elaboração de maneiras de ensinar os alunos a lidar com esses aspectos de forma crítica e consciente. Deve-se levar os educandos a perceber que os conhecimentos não são realmente fragmentados, isolados, mas, que há uma ligação entre todos eles para formar o todo de nossa realidade.

Pensa-se que refletir e implementar esses debates é essencial a prática educativa. Isto, instigaria a busca pelo conhecimento por parte dos jovens escolares. Assim, pensa-se que deve haver, por parte dos educadores, uma formulação de estratégias de trabalho com elementos que sejam familiares aos educandos, como televisão, cinema, computador.

Afinal, um dos aspectos mais interessantes da contemporaneidade é o florescer das potencialidades de uso das tecnologias digitais, especialmente o computador, em todas as esferas do cotidiano. Isso propiciou uma revolução de costumes e modos de pensar, principalmente em relação à comunicação e à circulação do conhecimento, alterando a maneira pela qual se tem acesso a esses materiais.

Questiona-se, pois, por que não explorar essas possibilidades na prática escolar? Pensa-se que se o professor procurar se preparar para trabalhar com esses equipamentos, vai se ampliar o espectro de modos de levar os conteúdos das disciplinas para a sala de aula. Inclusive, implementando-se com maior facilidade a transdisciplinaridade.

Segundo Oliveira (2001 pág. 32):

“Para cumprir esse papel o docente precisa, em primeiro lugar, assumir sua condição de sujeito e ter um olhar mais aprofundado, mais crítico, a partir de suas vivências e interações, das modificações que vêm ocorrendo no planeta por influência do grande desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação, possibilitando, assim, a evolução de suas representações mentais a respeito do mundo e, sobretudo, de si próprio.”

Apesar de ter o poder de proporcionar uma maior integração e facilitar o trabalho, muitos educadores ainda não pensam nas questões acima levantadas e têm, até mesmo, preconceito de se trabalhar dessa forma. “Técnico é um bom adjetivo;

técnica é um vil substantivo””. O trocadilho de Latour reflete o que se passa por inúmeras mentalidades, infelizmente. Isso, sem mencionar a falta de disponibilidade para fazer um esquema de transdisciplinaridade.

Mas o que leva muitos a temerem coisas que só tornariam mais atual a escola? Muitas vezes, é o medo de perderem seu espaço. Quer dizer, ao invés de pensarem em incrementar suas práticas, às vezes, fecham-se numa visão estreita, trabalhando de uma maneira muito tradicional e insuficiente para nossos dias. Não percebem que todos sairiam ganhando com a implementação dessas práticas.

Outro discurso que fazem é de que as tecnologias promovem a exclusão, pois não são muitos os que têm acesso, proporcionalmente ao número da população. Mas, deve-se pensar que o telefone, por exemplo, foi um enorme avanço para a humanidade, porém, até hoje apenas um quarto da humanidade o utiliza. Então, deveria-se pensar em trabalhar com as tecnologias onde elas existem - logicamente sempre pensando em estender isso a outros lugares e pessoas, quando possível -, para diminuir a exclusão digital.

O computador oferece uma infinidade de formas de trabalho e não veio para tomar o lugar do educador, pois o educador que procurar estar em consonância com o seu tempo, será um mediador necessário para ajudar os jovens a explorar o máximo possível a tecnologia de comunicação digital na busca de um conhecimento sólido e contextualizado. Sem mencionar que ligar o lúdico a forma de se realizar as práticas, intensifica imensamente o interesse pela busca dos conhecimentos por parte dos alunos.

Acredita-se que dessa forma, os educandos perceberão a ligação entre os saberes escolares e suas vidas, pois tanto a utilização da tecnologia que eles têm contato no seu cotidiano fora da escola, quanto a valorização de suas experiências de vida poderá levá-los a uma maior contextualização dos conhecimentos e a sentirem-se mais conectados com o ambiente escolar. Com isso, perceberão como aprender pode ser fascinante e importante para suas vidas.

REFERÊNCIAS

LATOURE, Bruno. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru: Edusc, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **A conexão planetária**. Trad. Maria Lucia Homem; Ronaldo Entler. São Paulo: Ed 34, 2001.

OLIVEIRA, Tânia Amaral. A importância da “telinha” no mundo contemporâneo e o papel do professor diante das novas tecnologias de comunicação. In: **Revista do Instituto Brasileiro de Ed. Pedagógicas**. Ano 1, n. 2, junho de 2001.

NOTAS

- ¹ PG-UNIOESTE.
- ² Doutora em Letras e professora da Unioeste.
- ³ Usaremos o termo *aprendência*, comungando com Hugo Assmann que em sua obra *Reencantar a Educação*, p.15, assim se expressa: *o termo “aprendizagem” deve ceder lugar ao termo “aprendência (‘apprenance””, que traduz melhor, pela sua própria forma, este estado de estar- em- processo- de- aprender, esta função do ato de aprender que constrói e se constrói, e seu estatuto de ato existencial que caracteriza efetivamente o ato de aprender, indissociável da dinâmica do vivo.*